

# POR UMA CULTURA ÉTICO-CRÍTICA NA ATUAL SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

## FOR AN ETHICAL-CRITICAL CULTURE IN TODAY'S CHANGING SOCIETY

Nilo Agostini 1

Marta Regina Furlan de Oliveira 2

**Resumo:** O texto investiga as possibilidades de uma cultura ética em meio às transformações na atual sociedade globalizada e marcada pela diversidade. Fundamenta-se numa compreensão de cultura ora como criação de um universo humanizado, ora atravessada pela ética, buscando superar a violência e a barbárie pela visão crítica da sociedade. Para além da ciência e da técnica, o bem-estar da humanidade precisa se fundar na ética. O problema é: Como uma cultura ético-crítica pode ser amalgamada em meio a uma sociedade em transformação ameaçada pela violência e barbárie? É desafiador à medida que a razão técnica e instrumental é comandada pelo consumo e pelo lucro que são alheios às necessidades humanas.

**Palavras-chave:** Cultura. Barbárie. Ética. Crítica. Sociedade.

**Abstract:** The text investigates the possibilities of an ethical culture amid transformations in the current globalized society marked by diversity. It is based on an understanding of culture sometimes as the creation of a humanized universe, sometimes crossed by ethics, seeking to overcome violence and barbarism through a critical view of society. Beyond science and technology, the well-being of mankind needs to be founded on ethics. The problem is: How can an ethical-critical culture be amalgamated into a changing society threatened by violence and barbarism? This poses a challenge insofar as technical and instrumental reason is ruled by consumption and profit that are alien to human needs.

**Keywords:** Culture. Barbarism. Ethics. Criticism. Society.

- 
- 1 Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágio na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais de Paris (EHESS). Doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg (França). Atual professor colaborador da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3355200763911829>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5657-8651>. E-mail: [nilo.agostini@gmail.com](mailto:nilo.agostini@gmail.com)
  - 2 Pós-doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8423465824507075>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2146-2557>. E-mail: [marta.furlan@yahoo.com.br](mailto:marta.furlan@yahoo.com.br)

## Introdução

Nesta investigação, partimos da centralidade da cultura e analisamos a possibilidade da criação de um universo humanizado. Para isso, estudamos o lugar que ocupa a ética enquanto desenvolvimento da capacidade crítica para fazer frente à violência e à barbárie de uma sociedade marcada por contradições profundas. Numa visão crítica da sociedade, interessa-nos o modo como se tem desenvolvido as ciências e as tecnologias na modernidade e sua capacidade ou não de responder ao bem-estar da humanidade. Cabe analisar o uso da razão técnica e instrumental quando comandado pelo neoliberalismo, bem como baseado no lucro advindo de um consumo com comportamentos individualistas.

O contexto sociocultural que reveste a situação apontada é o de uma sociedade em rápida transformação. Cabe analisar a mutação em curso em sua diversidade de manifestações e em sua capacidade ou não de construir espaços de humanização. Igualmente, interessa-nos estudar o vínculo deste contexto com o processo de globalização crescente e seu grau de interferência nos modelos de vida, nos padrões de comportamento e nas linguagens. Cabe-nos uma acurada percepção dos processos de semiformação em meio à cultural atual.

O presente texto é o resultado de uma pesquisa que busca caminhos de superação da violência e da barbárie buscando amalgamar uma cultura ético-crítica em meio a uma sociedade em transformação que anseia por humanização. Isto implica em colocar a vida no centro, para além das posturas antropocêntricas, para abraçar práticas e compreensões omnienglobantes, ou seja, que contemplem todos os seres da criação.

## A centralidade da cultura e a transversalidade da ética

A dimensão cultural compõe o lastro de nosso modo de viver em sua integralidade. É o mesmo que dizer que se trata de uma realidade transversal ao nosso ser e estar no mundo. Ela está presente nas ações sociais, nas práticas políticas, nas opções econômicas e na própria religião. O ser humano tem na tessitura cultural o que lhe confere sentido à vida, donde lhe advém o modo de enxergar o mundo, a bússola que o orienta e o coração com o qual sente e vive o seu mundo. Ela está assentada num *ethos*, onde se tecem as evidências primitivas, os significantes e significados, residindo aí a identidade primeira ou as raízes profundas do modo próprio de ser e de viver do ser humano.

Esta “centralidade da cultura” (Godoy; Santos, 2014, p. 16) comporta “a forma como ela penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (Hall, 1997, p. 5). Nenhum discurso social pode prescindir da cultura. Ela dá suporte “a toda forma de vida social, econômica, política, internacional” (Carrier, 1987, p. 18), sendo indispensável tanto para a representação social como para a compreensão dos dinamismos vitais.

A cultura é o universo humanizado que, consciente ou inconscientemente, cria para si uma coletividade: é a representação própria do passado e seu projeto de futuro, suas instituições e suas criações típicas, seus hábitos e suas crenças, suas atitudes e seus comportamentos característicos, sua maneira original de comunicar, de trabalhar, de celebrar, de criar técnicas e obras reveladoras de sua alma e de seus valores últimos (Carrier, 1987, p. 19-20).

Fundamental para o ser e o agir humanos, coextensiva à cultura, encontra-se a ética. Para Rocha (2017, p. 116), “sem as exigências éticas que estão na base do agir humano, a cultura, qualquer que seja a época em que ela se manifeste no desenrolar da história, naufraga sempre no mar da violência ou perde-se na noite do barbarismo”. A própria ciência bem como a técnica, para garantirem o bem-estar da humanidade, necessitam fundar-se na ética.

“Sem a dimensão ética, nenhuma cultura humana subsiste”, enfatiza Rocha (2017, p. 116), para quem a razão técnica e instrumental, fortemente comandada pelo consumo e pelo lucro, está “nos condenando ao mais impiedoso individualismo, alheio às necessidades dos outros,

principalmente dos mais carentes e infelizes”. A ética é indispensável à cultura à medida que ela “designa sua maneira característica de se comportar, de pensar, de julgar, de se perceber e perceber os outros: cada grupo tem suas atitudes e suas escalas de valores” (Carrier, 1987, p. 20).

## As contradições do atual momento histórico

O momento histórico atual está ainda atravessado pelo impacto do Iluminismo sobre a ciência moderna. Esta é acionada enquanto razão instrumental, cujo caráter sistêmico a coloca subordinada a um quadro funcional de integração e mesmo de subordinação ao capitalismo, na reprodução da sociedade existente. As mentes são conformadas a integrar sem questionar as relações sociais de dominação que vicejam como determinações básicas para a existência.

A mercadoria ganha vida e as pessoas são relegadas a objetos num processo de fetichização e numa estrutura de reificação. Instala-se o cenário da indústria cultural. As consciências são domesticadas a um nível de semiformação, restando aos indivíduos a adaptação e o conformismo. Resta aos homens e às mulheres conformarem-se à miserabilidade humana. Recrudescer a barbárie e a vida embrutece. Tudo é submetido a um processo de mercantilização, num processo de cooptação da linguagem e do próprio pensamento. Mecanismos sutis de censura vão cerceando as pessoas, teleguiando-as ideologicamente numa vida administrada. Regrida a capacidade de crítica, idiotizando as pessoas, numa degradação do esclarecimento. Assim, instala-se a civilização da barbárie, assim configurada:

As cartas já estão na mesa, os pensamentos previstos, as descobertas projetadas de antemão. Resta a adaptação para a autoconservação, dentro dos limites de uma experiência que só é possível porque administrada. O mercado encontra caminho livre para modelar as pessoas, através de uma mão invisível de coerção social, de submissão da coletividade que, manipulada, lhes é negada a condição até de indivíduo, porque na fetichização este nada mais é do que um objeto. Os instrumentos de dominação impõem-se com facilidade, disseminando bens padronizados, necessidades iguais, legitimando o que é lixo como arte, bastando apenas que sejam rentáveis. A racionalidade técnica é transformada em força de dominação. Mantém-se a aparência, com clichês prontos. Impõe-se a ordem que substitui a obra, numa paz então sepulcral, já que a Ideia foi liquidada. As massas são embaladas pela não cultura, pela barbárie estilizada, pelas linguagens condicionadas, numa consagração da imitação e da integração, resultando num consumo predeterminado, num lazer mecanizado, sendo inútil o pensamento e o esforço intelectuais (Agostini, 2019, p. 9-10).

Este é o cenário específico no qual o semiculto é admitido porque é um conformista, deixando-se alienar e despersonalizando-se. Identifica-se com o agressor, idealiza-o, absorvido por este. Entrega-se à tendência que domina, subscreve os projetos do dominador, sendo presa fácil da alienação e, assediado, se acomoda na ignorância, numa consciência indigente, renunciando a alçar a velas e navegar livremente. Estamos diante de uma modernidade decadente e trágica, pois deforma as pessoas e as desumaniza.

A barbárie dos poderosos está surda ante os lamentos que ressoam deste submundo de deformação e desumanização dos vencidos, numa empatia com os vencedores. O cortejo triunfal destes continua a passar por “sobre os corpos dos que estão prostrados ao chão”, revelador do horror da “servidão anônima dos seus contemporâneos” (Benjamin, 2016, p. 244-245, tese 7). Neste contexto, progresso rima com catástrofe, poder significa administração total. Em conluio com a sociedade industrial e capitalista, no viés neoliberal, este poder se impõe galgando a expressão do totalitarismo, muito afeito a aliar-se com versões fascistas e até nazistas, como no passado recente. Entroniza-se a mercadoria com a espoliação do ser humano.

## Por uma cultura ético-crítica

Em meio às transformações da atual sociedade, num mundo cada vez mais globalizado e marcado pela diversidade, atravessado pela violência e a barbárie, urge buscar uma cultura ético-crítica. Esta, somente, será capaz de superar o quadro até aqui descrito se investir no esclarecimento, resgatando a esperança; fá-lo-á quando concomitantemente decifrar os meandros desta modernidade para avançar no processo de humanização. Cabe investir numa ciência que seja socialmente comprometida, para além de qualquer submissão sistêmica ou integração totalizante da sociedade, subsumida pela barbárie e violência.

A hora é de investir no poder crítico, na emancipação dos seres humanos, na sua autodeterminação pela via da autorreflexão crítica. A aposta é a do sujeito, no despertar de sua consciência que, decifrando os mecanismos que agem sobre as pessoas, impede a barbárie, resistindo através do esclarecimento (Agostini, 2019, p. 10).

Alimentar uma consciência crítica é indispensável; esta será efetiva ao superar o estágio de coisificação da pessoa humana, recuperando sua capacidade de fazer experiência, de amar, resistindo à modelagem pura e simples das pessoas e à mera transmissão bancária de conhecimentos. Alimentar o esclarecimento e a experiência representa valorizar as pessoas enquanto “sujeito político” que organiza o social, privilegia o bem comum, pois, emancipado, é sensível às demandas dos excluídos. É percorrer o caminho da sabedoria, interpretando a história com a liberdade do contador, qual narrador que mergulha em sua profundidade e a transmite porque feita experiência.

Resistir é preciso, investindo na educação como capacidade crítica de decidir, na autonomia conquistada, fruto de um processo de emancipação. Processo contínuo que se dá na práxis, como tarefa histórica de homens e mulheres que transformam o mundo, movidos ao mesmo tempo pelo entrecruzar da ação e da reflexão. Dá-se uma inserção histórica, um compromisso, fruto de um conhecimento crítico da realidade, descortinando as contradições nela incrustadas e os mecanismos que a alimentam. Galgado este patamar, as pessoas, sujeitos conscientes em processo permanente de libertação, já não se contentam em ser meros expectadores; querem participar, agir, transformar, desdobrando a sua capacidade criadora e interferindo na realidade.

Mulheres e homens lançam-se numa luta pela sua humanização, pela libertação de toda opressão. É tarefa histórica que necessita de um caminho pedagógico a ser percorrido e partilhado no diálogo, no cultivo da democracia, no despertar da capacidade ético-crítica do ser humano. Supera-se, então, o olhar fatalista sobre o mundo. A realidade não é mais vista como inoperável e, por isso, intocável; a miséria não é mais vista como fatalidade diante da qual cabe mera acomodação porque seria “assim mesmo”; a história não é determinação, mas o lugar da luta pela humanização, da conquista da libertação pelos oprimidos e/ou vencidos da história. Isto repercute diretamente na tarefa de educar.

Educar para um despertar crítico e levar a uma prática efetivamente social supõem o resgate da dimensão ativa do ser humano, enquanto sujeito. Busca-se o saber, mais que a imaginação, dissolvendo os mitos, vencendo a superstição, superando o animismo, dando direção à técnica e avançando no processo de humanização. Existe aqui uma defesa do poder crítico e da emancipação do ser humano, numa desbarbarização enquanto objetivo indissociável à educação (Agostini, 2019, p. 11).

## Considerações finais

Uma cultura atravessada e sustentada pela ética e pelo compromisso com a vida, especialmente dos mais pobres, em meio à barbárie de nossos dias, é a resposta para a sociedade administrada de nossos dias. O cultivo da justiça, da solidariedade, da fraternidade, fruto da

conquista de uma consciência ético-crítica, é o modo de reverter a regressão da sociedade em que vivemos; esta regressão é fruto de um estado de exceção, como realidade contínua, marcada pela barbárie que exige, segundo Benjamin (2016, p. 244, tese 7), escovar a história a contrapelo.

Para os nossos dias, o problema central está desvelado: o drama dos pobres, oprimidos, silenciados, relegados aos porões de uma modernidade que entroniza a mercadoria e espolia o ser humano, num domínio do capital, embalado pelo poder tecnológico, com a grande mídia a seu serviço ou em conluio com ele. Por isso, não é possível mais contar a história de maneira linear e acomodatória, como se estivesse marcada pela continuidade e comandada pelo progresso contínuo. Faz-se necessário contá-la partindo dos que, interrompidos em sua história, sem continuidade, vencidos, serviram para construir o presente. O que desfrutamos hoje foi construído sobre as costas dos vencidos no passado e dos que seguem sendo vencidos no presente, às custas de suas vidas sugadas e de seus ideais derrotados. Por isso, escrever a história a contrapelo, do ponto de vista dos vencidos, torna-se uma exigência fundamental, com a clareza de contrapor-se à identificação com o vencedor (Agostini, 2020, p. 36).

Em meio às transformações de nossa sociedade, urge uma cultura ético-crítica para que defenda a vida na perspectiva dos condenados da terra, dos esfarrapados do mundo, esmagados e vencidos, como realidades históricas e tarefa histórica que supõem inserção crítica na realidade, unindo ação e reflexão em vista das transformações que urgem na hora atual.

Partindo dos 'condenados da terra', é assumida uma luta pela humanidade esmagada dos demitidos da vida, luta que é de libertação à medida que se instaura uma revolução 'criadora de vida', a fim de deter a 'morte em vida', ou seja, 'a vida proibida de ser vida' (Freire, 2014, p. 233).

## Referências

- AGOSTINI, Nilo. Prefácio. In: OLIVERIA, M. R. F.; SILVA, A. T. T.; CLARO, Z. A.; BITTENCOURT, C. A. C. **Indústria cultural, educação e trabalho docente: da semiformação à emancipação humana**. Londrina: UEL, 2019, p. 9-12.
- AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. 1. ed. 1ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2020.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2016 (Obras escolhidas 1).
- CARRIER, Hervé. **Évangile et cultures: de Léon XIII a Jean-Paul II**. Cité du Vatican, Paris: Vaticana, Mediaspaul, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, 2014, p. 15-41.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, 1997, p. 15-46.

ROCHA, Zeferino. Ética, cultura e crise ética de nossos dias. **Síntese**, v. 34, n. 108, 2007, p. 115-131.

Recebido em 21 de setembro de 2023.

Aceito em 30 de outubro de 2023.